O PODER DA ENCRUZILHADA CONTRA O PATRIARCADO: LÉLIA GONZALEZ, POMBA GIRA E EU(S)

Kátia Cilene Souza Alcântara Santana[51]

Prof. Dr. Washington Luís Lima Drummond[52]

Resumo: O patriarcado, o colonialismo e o racismo são armas potentes de poder que emergem cotidianamente contra a mulher negra. Enfrentar esses poderes é urgente e necessário. Nesta perspectiva temos o objetivo de refletir as interseccionalidades que atravessam a mulher negra. Para essa reflexão trazemos como proposição um encontro na encruzilhada entre Lélia Gonzalez, Pomba Gira e Eu(s). Percebemos essa pesquisa como um ebó. A encruzilhada é o local das possibilidades, onde são arriadas as oferendas, onde as "verdades" são descortinadas. Lélia Gonzalez é uma das maiores intelectuais do feminismo negro no Brasil. A sua vida e a sua literatura denunciam as formas de dominação e as

---

[51] Professora de Língua Portuguesa do município de Catu/BA, Mestra em Letras – Profletras (UFS) e Doutoranda – Pós-Crítica (UNEB). katiacsas1@gmail.com, http://lattes.cnpq.br/6057332313124471

[52] Docente mestrado em Crítica Cultural pela Universidade Estadual da Bahia campus Alagoinhas. Licenciado em História pela Universidade Federal da Bahia (1989), mestre em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (1998) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (2009) com estágio doutoral no CNRS – Paris/França.

ideologias políticas, patriarcais e capitalistas que subalternizam as mulheres negras. Pomba Gira é uma máquina de guerra contra a opressão patriarcal. Uma entidade que conseguiu entrar nos terreiros, mas que é demonizada pelo cristianismo. Uma entidade transgressora, subversiva, mulher da comunicação, do movimento e que luta contra a subalternização. O Eu(s) sou eu mulher negra e todas as mulheres negras que são abjetos de uma sociedade racista, sexista, capitalista e fundamentalista. Consideremos o Eu(s) coerente nessa pesquisa científica devido ao método adotado ser o autoetnográfico, que nos permite evidenciar as dores e o silenciamento que é imposto à mulher negra, sem omitir o posicionamento político da pesquisadora. Ancoradas no ensaio "Pode o subalterno falar?" de Gayatri Spivak(2010) reconhecemos a opressão que priva a mulher negra do direito a voz política e à escuta atenta. Como embasamento teórico nos ancoramos em Lélia Gonzalez (2020) Clenora Hudson (1993), Claudia Alexandre (2023), Spivak (2010). Propomos o aquilombamento como uma forma de estilhaçar estereótipos de subalternidade que foram impostos pelo patriarcado à mulher negra.

Palavras-chave: Feminismo Negro; Reexistência; Interseccionalidades

PRA INÍCIO DE CONVERSA

Este artigo tem por proposição uma reflexão sobre as interseccionalidades que permeia as mulheres negras, ancorando essa análise na proposição de um afropoder que emana de Pombagira. Para tanto, é imprescindível trazer à tona elementos históricos que elucidam o culto a Exu Mulher e Exu Masculino em África, bem como

examinar o processo violento de imposição do cristianismo, que resultou por um determinado período no apagamento de Exu Mulher no solo brasileiro.

Apesar do racismo religioso e da estigmatização, Exu se incorporou aos terreiros, tornando-se uma divindade central nas religiões afro-brasileiras. A generificação foi um fator preponderante para a permanência dessa força espiritual. Rompendo toda violência cultural e de saberes, Pombagira emerge como um poder capaz de confrontar estigmatizações e afropotencializar as mulheres negras em diversos marcadores identitários.

Pautar o Feminismo Negro no Brasil sem mencionar Lélia Gonzalez seria omitir uma das maiores contribuições intelectuais. Gonzalez antecipou conceitos que ganharam destaque recentemente. O termo interseccionalidade não era utilizado por ela, mas esse conceito permeia toda sua obra. Argumentava que as mulheres negras não partiam do mesmo ponto que as mulheres brancas na luta feminista, pois suas experiencias históricas e sociais são marcadamente distintas. Para ela, a luta feminista sobre o direito ao trabalho fora do lar era irrelevante para as mulheres negras, que sempre tiveram sua força de trabalho explorada, desde o início da colonização. Cuidando dos filhos e das casas das *senhoras* brancas,

permitindo que estas vivessem na ociosidade. Apesar das denúncias de Lélia e de todo seu ativismo, essa realidade ainda persiste, com mulheres negras cuidando das casas e filhos das mulheres brancas, para que estas se empoderem.

Pombagira e Lélia nos faz compreender que para analisar a situação contemporânea das mulheres negras, é imprescindível revisitar o passado e reexaminar as violências que o colonialismo infligiu sobre elas. Desde o início da colonização, as mulheres negras foram submetidas a múltiplas opressões, dentre elas, o racismo, sexismo, exploração econômica, o abuso da mão de obra e a violação dos seus corpos.

Lélia Gonzalez, na década de 1970, já apontava as limitações do feminismo hegemônico, que não contemplava as experiencias das mulheres negras. Apesar de muitos estudiosos entenderem que o Feminismo Negro e Mulherismo Africana se contrapõem, introduzimos o conceito por sua relevância enquanto movimento filosófico, político e social que enfatiza a identidade, cultura e experiencias das mulheres de ascendência africana. Este movimento implementado por Cleonora Hudson em 1993, evidencia questões especificas enfrentadas pelas mulheres africanas e afrodescendentes. Ao reconhecer as intersecções de raça, classe e gênero, o Mulherismo

Africana propõe a força da coletividade feminina negra como um caminho para enfrentar a sociedade racista e patriarcal que subjuga e subalterniza as mulheres negras.

As cicatrizes do período escravagista permanecem enraizadas nas narrativas das mulheres negras. No imaginário social, somos frequentemente retratadas como as empregadas domésticas, moradoras de favelas, “barraqueiras” e as prostitutas de baixo custo. O racismo estrutural nos relegou à marginalização, impedindo-nos de ocupar espaços de poder e tomada de decisão. A narrativa racista e sexista do período colonial naturalizou nossa inferioridade, erigindo-se como um obstáculo significativo à realização de nossos projetos de vida.

Ao nos contrapormos à narrativa perpetuada cotidianamente pelo sistema capitalista e patriarcal, propomos analisar como Pombagira e Lélia Gonzalez se configuram como expressões de poder contra- hegemônico, resistindo à subalternização e afropotencializam, sobretudo, das mulheres de terreiro.

A literatura sobre Pombagira ainda é muito incipiente. Embora Lélia Gonzalez tenha sido a maior intelectual do Feminismo Negro no Brasil, por muito tempo sofreu um apagamento no cenário acadêmico.

Atualmente, sua obra e legado têm maior visibilidade, porém, ainda observamos uma lacuna significativa nas pesquisas que interliguem a simbologia de Pombagira à intelectualidade de Lélia Gonzalez como uma força contra hegemônica de enfrentamento à subalternização que nos é imposta.

MULHERISMO AFRICANA X OCIDENTALISMO

Este estudo adota o Mulherismo Africana a partir de uma postura crítica para examinar as limitações do feminismo ocidental na representatividade das mulheres negras, bem como para explorar a sororidade negra como uma estratégia de fortalecimento das afrodescendentes. Desde a década de 1970, a intelectual Lélia Gonzalez já denunciava o sexismo e o racismo experimentados cotidianamente pelas mulheres negras no Brasil. No entanto, torna-se essencial aprofundar a análise do Mulherismo Africana, especialmente considerando Exu Mulher, uma entidade de significativa relevância espiritual e cultural, possuir suas raízes no continente africano. O feminismo ocidental, inserido em uma filosofia predominantemente eurocêntrica, frequentemente não absorve as necessidades das mulheres negras. Essa perspectiva fortemente imbuída de valores capitalistas, não reconhece a centralidade da coletividade, uma vez

que esse sistema é caracterizado por um individualismo que suprime pautas coletivas.

O Mulherismo Africana destaca a importância dos laços familiares e comunitários como pilares fundamentais para o reconhecimento e valorização do papel da mulher na sociedade. A sororidade negra emerge como um elemento crucial para a resistência cultural e para a luta por liberdade e equidade de direitos entre os gêneros. A operacionalização do *devir mulher negra* requer o engajamento de múltiplas forças, sendo o Mulherismo Africana um guia no combate aos paradigmas estabelecidos e solidificados pelo colonialismo. Essa abordagem propõe um questionamento a episteme desenvolvida pela branquitude masculina e feminina. Nos impulsionando para a construção de uma consciência feminina afrocentrada.

A narrativa patriarcal predominante no Brasil perpetua a imagem de mulheres negras como subservientes, com seus corpos vistos sempre disponíveis para satisfazer os desejos dos homens brancos. Em contraponto, o Mulherismo Africana sublinha a resistência dessas mulheres contra a generificação, enfatizando a necessidade de lutar contra a subalternização e reivindicar o direito a voz e à autonomia sobre seus próprios corpos.

Como informado anteriormente, a nossa pesquisa não se limita a uma única concepção como fundamento da luta das mulheres negras contra o sistema colonial. Acreditamos que o Mulherismo Africana e o Feminismo Negro, juntamente com outros movimentos, constituem um conjunto coeso de forças que reforça a luta contra o racismo e o sexismo. Ao se inter-relacionarem, esses movimentos possuem o potencial de desmantelar os estigmas que subalternizam as mulheres negras, promovendo uma emancipação coletiva e uma reconfiguração das estruturas de poder estabelecidas.

PONDO EM XEQUE AS ESTRUTURAS E VALORES NATURALIZADOS

Na diáspora africana, muitos dos nossos saberes e crenças foram apagados, entre eles o culto a Exu Mulher. A visão generificada dos colonizadores e do cristianismo, não alcançava a fluidez da cosmologia africana. A concepção binária e associação do Exu ao diabo, que para a igreja católica tinha o gênero masculino, proporcionou que o Exu masculino, embora perseguido sobrevivesse, enquanto Exu Mulher fosse silenciada. Exu mulher desafiava as convenções estabelecidas pelo colonialismo e pelo patriarcado. Claudia Alexandre, em sua obra Exu Mulher, realiza um resgate dessa entidade, demonstrando a ressignificação da força espiritual feminina. Apesar dos esforços dos colonizadores a espiritualidade feminina não

foi submergida no Atlântico. Pombagira posteriormente emerge como uma força contra- hegemônica feminina, transgredindo as normas coloniais.

Na contemporaneidade, as pesquisas acadêmicas que abordam o tema da subalternização frequentemente se fundamentam na obra Pode o subalterno falar?, de Spivak . No entanto, este trabalho adota a perspectiva ideológica contra colonial de Nego Bispo. O conceito por ele cunhado nos leva a compreender que não houve passividade por parte do povo negro diante das violências sofridas durante o período escravagista, conduzindo-nos para o enfrentamento das opressões e da subalternização impostas pelo sistema colonial e capitalista. Segundo Nego Bispo, é fundamental o embate contra as epistemologias eurocêntricas, que buscam apagar nossos saberes, cultura e identidade. Desta forma, nos alinhamos à denúncia do silenciamento que, na década de 1970, já era articulada por Lélia Gonzalez em sua luta dentro do Feminismo Negro.

Na epígrafe do artigo Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira, Lélia Gonzalez expõe o silenciamento imposto pela branquitude:

> Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente pra uma festa deles, dizendo que era pra gente também. Negócio de livro

> sobre a gente. Tinham chamado a gente pra festa de um livro que falava da gente [ ] . Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa pra gente da gente?

Nessa epígrafe, Lélia Gonzalez expõe de maneira contundente o silenciamento de nossos corpos e vozes, convocando-nos a assumir nossa fala. Ela afirma que *o lixo vai falar, e numa boa* (p. 78). Ao propomos um encontro simbólico na encruzilhada entre Pombagira, Lélia Gonzalez e eu(s), é na perspectiva *de o lixo falar*.

De acordo com Rufino, a encruzilhada é um território das possibilidades, onde se encontra diversas culturas, saberes e quereres. Nesse espaço, emergem novos conhecimentos que desafiam as epistemologias coloniais hegemônicas. Dessa forma, para a nossa pesquisa, a encruzilhada desempenha um papel de extrema relevância, por ser o território da transgressão, que tem Pombagira como sua senhora. A encruzilhada é um território que ela habita e domina, personificando a resistência contra hegemônica que desafia todas as estruturas que tentam limitar as mulheres negras. Segundo Martins (2021, p.51), a encruzilhada:

> Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, intersecções e desvios, textos e

> traduções, confluências e alterações, influencias e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergências, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens performáticas e também discursivas, a encruzilhada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção sígnica diversificada e, portanto, de sentidos plurais.

Trazer Pombagira como uma entidade contra hegemônica e contra colonial é um desfio, especialmente considerando o contexto de 2018, quando a extrema direita ascendeu ao poder executivo e consolidou sua força no legislativo, promovendo um crescimento significativo do fundamentalismo religioso no Brasil, o que, por sua vez, intensificou o racismo religioso. Observa-se, contudo, uma lacuna na literatura: Pombagira e Lélia Gonzalez têm sido estudadas de forma separada. Acreditamos que é necessário pensá-las conjuntamente, como uma forma de tensionar valores profundamente enraizados e naturalizados na sociedade.

LAROYÊ!

O PODER DA GIRA

A encruzilhada, enquanto território simbólico, é central para a compreensão o poder de Pombagira. Este espaço desafia as noções rígidas e unitárias do colonialismo. Representa a confluência de

múltiplos caminhos e possibilidades, configurando-se como um lócus de transgressão e rupturas de normas. Na encruzilhada o o verbo contra colonial explode, pois lá, a força da gira afropotencializa as mulheres negras para resistirem as imposições patriarcais e coloniais

Historicamente, o patriarcado e o cristianismo tentaram suprimir a força de Exu Mulher, mas, ao contrário do que pretendiam, essa entidade encontrou formas de ressignificação e sobrevivência. No início do século XX, no cerne das religiões de matriz africana, no Brasil, especialmente no Candomblé e na Umbanda, Pombagira começa a ser cultuada como uma figura de poder.

O nome "Pombagira" conforme Capone (2018), tem origem na entidade masculina Pambu Injila, venerada no candomblé banto. A transformação linguística que levou de Pambu Injila a Bombogira e, finalmente, a Pombagira, reflete não apenas uma adaptação cultural, mas também uma tentativa de redução da sua potência pelo patriarcado. Monique Auguras (1989) observa que a nomenclatura Pombagira incorpora concepções sexistas, pois em diferentes regiões do Brasil, os termos associados ao nome remetem tanto ao pênis quanto à vagina, limitando a entidade a uma representação de sexualidade e promiscuidade. Em vez de reconhecê-la como símbolo de poder e resistência.

Nos primórdios do culto a Pombagira, os valores patriarcais, já naturalizados, influenciaram as práticas no Candomblé e na Umbanda, relegando a entidade aos trabalhos relacionados a afetividade e promiscuidade. Além disso, era afirmada a subserviência de Pombagira ao Exu masculino a partir de cânticos e narrativas dentro dos terreiros, evidenciando a subalternização de gênero nas práticas religiosas afro-brasileiras.

Nesta pesquisa, propomos uma reflexão sobre o embate contra colonial travado por Pombagira. Como uma figura da espiritualidade afro-brasileira, ela se contrapõe ao extermínio de saberes e culturas promovidos pelo catolicismo. Pombagira simboliza a resistência contra as opressões de raça, gênero, sexualidade e espiritual.

Por muito tempo, a força de Pombagira foi compreendida, até mesmo pelas mulheres de terreiro, como restrita à sexualidade e às relações amorosas. No entanto, com o crescimento do número de adeptos intelectuais e ativistas das religiões afro-brasileiras, essa entidade passou a ser reconhecida como um poder contra-hegemônico, capaz de afropotencializar as mulheres negras em todas as suas interseccionalidades.

> A potência exusíaca encarnada no feminino é o que desestabiliza e transgredi as regulações dos

> modos de ser calçados em princípios racistas e patriarcais conservadores das heranças do colonialismo. A Pombagira e as suas amarrações de encante configuram um amplo repertório de antidisciplinas versadas nas encruzas. Essas ações táticas problematizam e reposicionam as dimensões de gênero em uma sociedade que tem o sexismo (incluindo nesse, o machismo) e o racismo como fundamentos (Rufino; Simas, 2018 p. 90).

Desta forma, houve uma ressignificação de Pombagira, que passou a ser vista como uma entidade que empodera as mulheres negras, impulsionando-as a reivindicar espaços de poder historicamente negados. Pombagira acolhe e nos faz compreender as múltiplas desigualdades que atravessam nossos corpos, afropotencializando-nos para o devir, para transgressão de conceitos sistematizados por uma sociedade construída sobre valores eurocêntricos.

Invocamos Pombagira nesta pesquisa por reconhecermos a necessidade urgente de trazê-la para a academia, um território tradicionalmente construído para homens e mulheres brancas. Nós, mulheres negras, sempre fomos alijadas desse espaço. Trazer Pombagira para a academia é um ato de reflexão sobre a subalternização imposta a nós, mulheres negras. É viver o verbo contra

colonial cunhado sabiamente por Nego Bispo, lutando contra o extermínio de saberes e culturas afro-brasileiro, ao mesmo tempo em que desafiamos o racismo, a hegemonia masculina e o racismo religioso.

UMA ENTIDADE CHAMADA LÉLIA

Lélia foi uma intelectual que que se contrapôs ao colonialismo. Com a sua literatura e ativismo, desnudou a partir de um retorno histórico as violências e o silenciamento que eram impostos aos corpos e vozes das mulheres afrodescendentes e afro-brasileiras. A sua narrativa denunciava a epistemologia ocidental que estava enraizada na sociedade brasileira. Uma outra frente de luta da escritora, foi contra o feminismo hegemônico, evidenciando que este movimento não representava as mulheres negras.

A partir do Feminismo Negro, Lélia Gonzalez propunha um devir identitário que desafiasse o racismo, o sexismo, o capitalismo. Na sua escrita era mapeado o racismo estrutural que foi construído e mantido pelo Estado, sendo um grande obstáculo na luta pela equidade. Devido a sua consciência que as opressões que atravessam os homens negros não são iguais as das mulheres negras. Pautou o Feminismo Negro

como propulsor para um devir identitário, desafiando os marcadores de raça gênero, socioeconômico, cultural, religioso e educacional.

Lélia se pôs no centro da encruzilhada, não sucumbindo a subalternidade, sendo uma referência no Brasil na luta pelos direitos das mulheres negras. Antes da nomenclatura interseccionalidade ser cunhada por Kimberlé Crenshaw, Lélia, na década de 1970 já evidenciava que as mulheres negras eram atravessadas por diversas opressões que as impediam de ter os seus direitos respeitados como cidadã brasileira.

Lélia foi uma mulher e intelectual a frente do seu tempo. O conceito de decolonialidade, que é tão discutido nas academias na contemporaneidade, já era abordado por ela. Nas suas obras é perceptível a denúncia contra a branquitude que usava do poder para colonizar saberes, cultura e corpos. Propunha uma ruptura radical com a epistemologia ocidental, e a reapropriação dos saberes ancestrais das mulheres negras e das tradições e cultura afro-brasileira.

O pensamento contra colonial de Nego Bispo, posteriormente, se alinhou com o de Lélia. Na proposição dos dois, era necessário romper com as narrativas ocidentais, a partir da descolonização das mentes. Lélia como Feminista Negra, propunha uma epistemologia

negra e feminista que respeitasse as experiencias e saberes dessas mulheres. Nessa perspectiva, ela desenvolveu o conceito “amefricanidade”, como uma forma de resgate e valorização da identidade cultural afro-brasileira.

Luiz Rufino, na sua obra, Pedagogia da Encruzilhada, apresenta esse território como um campo de possibilidades, onde surgem saberes subversivos e contra hegemônicos. Ao analisarmos o embate intelectual que Lélia travou para a construção de uma epistemologia feminista negra, percebemos que ela, simbolicamente estava nessa encruzilhada. Lutando por uma identidade cultural que verdadeiramente nos representasse.

A obra de Lélia nos faz perceber que lutar contra a marginalização a que somos submetidas era uma militância da escritora. Com a sua literatura e ativismo colocava em xeque o sistema colonial que era naturalizado pela sociedade. Com os seus conceitos e teorias afropotencializava as mulheres letradas. Mas também despertava a consciência da subalternização às mulheres desprovidas do acesso educacional e sócio econômico. Para isso realizava reuniões com as mulheres negras das periferias, participava ativamente dos protestos nas ruas, sendo uma das fundadoras do (MNU) Movimento Negro Unificado.

A AFROPOTÊNCIA CONTRA - HEGEMÔNICA DE POMBAGIRA E LÉLIA GONZALEZ

Este artigo foi construído na perspectiva de sanar a lacuna de pesquisa que aborde a conexão entre o poder espiritual de transgressão de Pombagira e o impacto intelectual e ativista de Lélia Gonzalez como representações contra-hegemônicas à subalternização da mulher negra. É incipiente a analise integrada entre a entidade Pombagira, que faz parte da espiritualidade afro-brasileira e o pensamento feminista negro de Lélia Gonzalez.

Com a junção dessas duas forças femininas acreditamos que é possível entender a resistência da mulher negra, a partir dos aspectos espirituais, intelectuais e políticos. Desta forma, acreditamos que essa pesquisa de forma original ao articular a força espiritual com a teoria do feminismo negro pode fornecer uma base teórica, e impulsione a busca de estratégias de afroempoderamento das mulheres negras, integrando perspectivas, que até então são tratadas de forma isoladas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Cláudia. *Exu- Mulher e o matriarcado nagô:* masculinização, demonização e tensões de gênero na formação dos candomblés. Rio de Janeiro: Fundamentos do Axé, 2023.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.. São Paulo: UCPA, 2018. p. 190-214.

HUDSON-Weems, C. Recuperando a Nós Mesmos: Mulherimso Africana. Editora Dandara, 2022.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação:* episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos: modos e significados.* Modos e Significados. 2015. Disponível em: http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.- Colonizacao_Quilombos.pdf. Acesso em 23 set. 2021.

SPIVAK, G. C*. Pode o Subalterno Falar?* Editora UFMG, 2010.

RUFINO, L. *Pedagogias da Encruzilhada*. Editora Mórula, 2019.